

APROXIMAÇÕES TEÓRICAS: MORFOLOGIA URBANA COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DAS CIDADES

DINIZ, Mariana Pizzo.¹
OLDONI, Sirlei Maria.²

RESUMO

O presente artigo apresenta-se como resultado parcial de pesquisa de trabalho de conclusão de curso. Tem-se por objetivo esclarecer a definição de morfologia urbana através do estudo da cidade como *habitat* humano, proporcionando a compreensão dos elementos morfológicos para a análise dos centros urbanos. Além disso, neste artigo identificam-se as principais escolas que fomentaram os estudos na área da morfologia urbana, destacando principalmente a escola inglesa, italiana e a francesa, esta última uma vertente morfológica que não se desenvolveu tão amplamente quanto às outras duas citadas. Serão elencados os princípios norteadores propostos por estas escolas, exemplificando-os com ideias práticas. É ainda, objetivo deste artigo, considerando o que foi exposto, compreender a morfologia urbana como o estudo da cidade, possibilitando a caracterização e a conformação urbana, sua evolução e suas transformações.

PALAVRAS-CHAVE: Morfologia Urbana, Elementos morfológicos, Escola Italiana, Escola Inglesa.

1. INTRODUÇÃO

A definição do conceito de morfologia designa o estudo da configuração e da estrutura exterior de um objeto. É a ciência responsável pela análise da forma, interligando-a com os fenômenos que a originaram (LAMAS, 1993).

No que se refere à morfologia urbana, segundo Lamas (1993), Rego e Meneguetti (2011), está se define, essencialmente, como sendo os aspectos exteriores do meio urbano e as suas relações recíprocas, analisando e explicando a paisagem urbana e sua complexa estrutura. A cidade é resultante da acumulação e da integração de muitas ações determinadas pelas tradições, culturas, ideias políticas, forças econômicas, grupos ou indivíduos e, portanto, deve ser compreendida como um organismo volúvel, em constante modificação e evolução.

No entanto, segundo Moudon (2015), são três os princípios inerentes a qualquer centro urbano: a forma, a resolução e o tempo. É intuito de este artigo salientar estes três conceitos como formas de análise da morfologia urbana, definindo ao leitor o processo histórico dos princípios morfológicos. Além disso, serão esclarecidos ao leitor os principais elementos morfológicos, que segundo Lamas (1993), possibilitam ao pesquisador analisar e compreender a evolução da forma urbana.

¹ Acadêmica do sétimo período do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Assis Gurgacz - FAG. E-mail: mpdarquitetura@gmail.com

² Docente do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Assis Gurgacz - FAG. E-mail: sirleioldoni@hotmail.com

Neste contexto, serão analisadas as Escolas da Morfologia Urbana que surgiram na Europa na década de 1960, principalmente na Inglaterra e Itália, e posteriormente na França. Exemplos práticos serão apresentados com o intuito de ilustrar os estilos e conceitos teóricos de cada escola e consequentemente, o leitor compreenderá os princípios norteadores de cada uma das linhas morfológicas (COSTA e NETTO, 2015).

2. A ETIMOLOGIA DO TERMO MORFOLOGIA URBANA

A palavra Morfologia tem origem no termo grego *morpho*, que significa forma, aparência, e *logos*, cuja ideia expressa um estudo, tratado, sendo empregado em diversas áreas do conhecimento. (REGO E MENEGUETTI, 2011).

Inicialmente, empregou-se o termo em estudos de ciências biológicas como afirmam Simões, *et al.*(2014), cujo significado exprime, segundo aponta Ferreira (1999), o estudo das formas, ou, então a história da variação das formas de um ser vivo.

Aplicando-se este conceito na área do urbanismo, tem-se a definição de Morfologia Urbana, conforme aponta Costa e Netto (2015). Trata-se do estudo da forma dos centros urbanos resultante das ações da sociedade sobre o meio, um produto físico, representado por lotes, quadras, ruas, entre outros elementos, que pode ser edificado e transformado pelo ser humano. (GAUTHIER; GILLILAND, 2006; PEREIRA, 2012).

Outra possível definição de Morfologia Urbana, encontrada em Moundon (1997) e em Lévi Strauss³ (1955), a aponta como o estudo da cidade, entendendo-a como um habitat humano, a mais complexa intervenção humana, a conjunção entre natureza e artefato.

Considerando tais definições, de acordo com Costa e Netto (2015) é importante que se destaque a relação intrínseca entre morfologia urbana e a ocupação do solo, pois a edificação, o parcelamento e os espaços livres⁴ refletem a intenção humana e as demandas da sociedade em cada período, o que acarreta modificações no traçado urbano, isto é, nas vias, praças, quadras e suas consequentes subdivisões em quarteirões e lotes.

Assim, o passado e o presente, conforme aponta Lynch (1997) e Pillsbury (1970), estão materializados fisicamente nos centros urbanos, remetendo a uma cronologia das construções e das

³ Claude Lévi-Strauss(1908-2009) foi um antropólogo, etnólogo e professor francês. Produtor de uma vasta obra, Lévi-Strauss foi o criador da antropologia estrutural.

⁴ Define-se espaços livres como todo espaço dentro dos limites urbanos e em seu entorno, que necessariamente não são cobertos por edifícios, como por exemplo as praças. (MAGNOLI, 2006).

características de cada sociedade. Logo, de acordo com Mugavin (1999), se a questão da temporalidade é apresentada pela ação do tempo sobre o espaço urbano, existem instrumentos que podem fornecer ao homem o entendimento e percepção do seu entorno.

A morfologia urbana, neste sentido, atua como um instrumento, cujos métodos separam estas camadas que compõem a forma urbana. Esta, entendida como toda entidade material que provém de elementos (ruas, quadras, espaços livres...) e relações materiais Holland, *et all.* (2000). Logo, a separação destas camadas possibilita ao homem compreender o espaço em que ele vive como um produto dinâmico urbano que a cada dia possui novas formas e traçados. (LAMAS, 1993).

Em sendo assim, Costa e Netto (2015) e Macedo (2012), apontam que os fatores dinâmicos da configuração urbana, isto é, a forma como a cidade está organizada, setorizada e disposta sobre o terreno, se constituem nas características da sociedade urbana local e, portanto, compreender o espaço requer, primeiramente, uma compreensão holística de todos os fenômenos que permeiam esta sociedade local.

Para Lamas (1993), os morfologistas, entendidos como os estudiosos da morfologia urbana, centram os resultados das pesquisas nas forças sociais e econômicas como fatores que direcionam e delimitam o futuro das cidades, pois a concretização das ideias e intenções só ocorre à medida que estas tomam forma. Além disso, hoje, desenhar e intervir em uma cidade requer a compreensão e o conhecimento da cidade antiga e moderna, as suas morfologias e processos de formação. (PAWSON, 1987).

Atualmente, esta preocupação para com a organização e manutenção futura das cidades, especialmente considerando as modificações da forma urbana, corroborou para o desenvolvimento de diversas pesquisas no âmbito da morfologia urbana que culminaram em inúmeras conferências e seminários, como por exemplo, o Seminário Internacional da Forma Urbana⁵ (ISUF), criado logo após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) com o intuito de criar um ambiente propício à discussão, prática e pesquisa sobre a forma urbana das cidades, gravemente afetadas pelas disputas. (ISUF, 2004).

As discussões são pautadas em uma base teórica comum, que de acordo com Moudon (1997, p. 7) entende que “a cidade pode ser lida e analisada através de sua forma física” que é configurada

⁵ Em tradução livre da autora: **ISUF 2017** (24º Seminário Internacional da Forma Urbana) acontecerá entre os dias 27-29 de Setembro de 2017, em Valência, Espanha. O tema principal da conferência será “Cidade e território na era da globalização”. Para mais informações, acessar o site oficial do Seminário disponível em: <<http://valencia2017isufh.com/>>.

pelos espaços livres, parcelamento do solo, organização das vias e das edificações, compreendidos em quatro níveis de análise: “edifício/parcela, à rua/quarteirão, à cidade, e à região”, que a entende como uma composição histórica, que está em constante evolução. A sociedade modifica e constrói a cidade, portanto, esta é o resultado de transformações sociais (Rossi, 2011). O modo como esses elementos se organizam é o objeto comum de estudo dos morfologistas (REGO; MENEGUETTI, 2011, p. 125).

3. AS ESCOLAS TRADICIONAIS DE MORFOLOGIA URBANA

Tratando-se da investigação morfológica, vários aspectos podem ser considerados, dentre eles a dinâmica social, econômica e política de uma sociedade. Apesar de vários autores discorrerem sobre a análise morfológica como um instrumento de inúmeras possibilidades de aplicação, há um consenso geral no que se refere ao fato da forma urbana poder ser analisada e estruturada a partir de três pontos, como citam Mundon (1997) e Costa e Netto (2015).

Na primeira definição, a forma urbana tem sua gênese a partir dos elementos físicos fundamentais, como as edificações e os espaços livres. Em uma segunda análise, a forma urbana surge em decorrência das escalas que institucionalizam a relação construtiva entre o edifício e o lote, as vias e as quadras. Por último, a terceira definição caracteriza a forma urbana como uma composição histórica, isto é, a sociedade modifica e constrói a cidade, portanto esta é o resultado de transformações sociais (COSTA e NETTO, 2015).

No entanto, apesar deste consenso nos princípios teóricos e no objeto de estudo, existem três correntes analíticas, escolas ou linhas de estudo da morfologia urbana: a Escola Francesa, a Escola Italiana e a Escola Inglesa. Porém, de acordo com Costa e Netto (2015), são duas as principais linhas tradicionais de investigação: a italiana e a inglesa.

A escola inglesa de morfologia urbana surgiu a partir dos estudos de Michael Robert Gunter Conzen (1907-2000), cuja pesquisa foi resultante da análise da pequena cidade comercial de Alnwick, na Inglaterra em 1960 (MUNDON, 1997). Quanto à escola italiana, Saverio Muratori (1910-1973) foi seu grande precursor, influenciando a arquitetura e o urbanismo do país.

Na sequência, estará delineando os principais conceitos e ideias norteadoras de cada uma das escolas, apontando suas fases e respectivos períodos.

3.1.A ESCOLA ITALIANA DE MORFOLOGIA URBANA

Em uma primeira análise, apresenta-se agora a Escola Italiana de Morfologia, uma base fundamental para os estudos da área. O grande fundador desta linha é Saveiro Muratori, nascido em 1910, na província de Modena, cujo pensamento e prática profissional influenciaram diretamente seus seguidores. Após completar a sua graduação, Muratori dedica-se ao ensino da arquitetura e urbanismo na Escola de Arquitetura de Roma. O estudioso passa a estar em contato com novas ideias e proposições no meio acadêmico, e a partir deste momento, passa a publicar artigos e difundir seus conhecimentos em diversos campos (COSTA e NETTO, 2015).

De acordo com Cataldi, Maffei e Vaccaro (2014), o trabalho de Muratori, sua prática profissional e acadêmica pode ser subdividida em três períodos. O primeiro período, entre os anos de 1933-1946, que se destaca por suas publicações em revistas de arquitetura e seus projetos arquitetônicos, que durante estes anos estavam sendo construídos na Europa. Como arquiteto, Muratori foi influenciado pelas concepções racionalistas de Le Corbusier, pelo uso de formas tradicionais e pela modernidade dos materiais de construção.

De acordo com Costa e Netto (2015), citando Maretto, esses projetos apresentam os conceitos estruturadores que futuramente balizariam os seus trabalhos seguintes. Ou seja, Muratori elaborou um eixo estruturador empregando as variações tipológicas conforme a hierarquia viária.

Durante o segundo período, entre 1947 e 1963, Muratori passa a aliar sua carreira projetual como arquiteto e a atividade acadêmica. Apesar de durante a Segunda Guerra Mundial ter sua carreira interrompida, seus estudos e reflexões críticas são aprimoradas. Pela primeira vez, os conceitos que consideram as cidades como organismos vivos e como local coletivo da obra de arte, além de propor o planejamento das novas edificações em continuidade com a cultura edílica do local, aparecem. Este período é compreendido como o ápice da carreira acadêmica de Muratori e em sua vida projetual, influenciando o próprio processo de desenvolvimento urbano na cidade de Roma. (MARETTO, 2012).

Por fim, o terceiro período, definido entre os anos de 1964 e 1973, combina não só o declínio da influência de Muratori e sua saída da Universidade de Roma, bem como a dissolução da Escola Romana de Morfologia Urbana (COSTA; NETTO, 2015).

Assim sendo, o legado transmitido pela Escola Italiana de Morfologia Urbana e seu principal idealizador, Saveiro Muratori, foi difundido e estudado amplamente por seus discípulos.

Atualmente, de acordo com Costa e Netto (2015), que citam Cataldi (2003), os conceitos muratorianos que estruturaram a Escola Italiana são sete: a linguagem tecnológica arquitetônica, o processo tipológico, a consciência espontânea e a consciência crítica, o organismo urbano, a história operativa, as escalas de análise e os ciclos civilizatórios e, por último, a questão geográfica do ambiente humano.

3.2 A ESCOLA INGLESA DE MORFOLOGIA URBANA

Como fundamento metodológico desta pesquisa em desenvolvimento, é mister que se apresente os fundamentos e um breve histórico da Escola Inglesa de Morfologia Urbana e de seu fundador, M.R.G. Conzen.

Primeiramente, de acordo com Costa e Netto (2015), Mundon (1997) e Oldoni (2016), a Escola Inglesa adota como definição de morfologia urbana os parâmetros de estudo da evolução das formas a partir das transformações e modificações, com o propósito de estabelecer uma teoria sobre a construção da cidade. Assim, o parcelamento do solo é compreendido como o principal elemento de análise da forma urbana. (WHITEHAND, 2007).

Como citado anteriormente, o expoente da Escola Inglesa é o alemão Michael Robert Gunter Conzen, nascido em Berlim, em 21 de Janeiro de 1907. Seus estudos iniciais foram nas áreas de Geografia Histórica e Filosofia, na Universidade de Friedrich Wilhelms, na capital alemã. (WHITEHAND, 2001).

Conforme aponta Whitehand (2007) e Hofmeister (2004), tradicionalmente o estudo das formas urbanas foi iniciado e instituído nos cursos de Geografia na Alemanha do século XIX, e particularmente aponta-se Otto Schlüter⁶ como pai e responsável por levar esta ciência da paisagem urbana a ocupar lugar de destaque na Geografia Humana, ainda durante as três primeiras décadas do século XX⁷.

Considerando o exposto, M.R.G. Conzen, influenciado por seus mestres, passa a analisar a configuração formal urbana a partir de sua evolução histórica e social. (COSTA; NETTO, 2015).

⁶ Otto Schlüter (1872-1959) foi um geógrafo alemão creditado por ter criado a definição de ‘paisagem cultural’, isto é, a ideia de que a paisagem é um design do homem. Para mais informações, visitar o site da Universidade de Halle. Disponível em: < <http://sundoc.bibliothek.uni-halle.de/nachlaesse/Schlueter/schluet1.htm> >.

⁷ Em tradução livre da autora: ‘Arguably the father of urban morphology was the geographer Otto Schlüter [...]. Particularly under his influence, the urban landscape (Stadtlandschaft) came to occupy a central place within human geography in the first 3 decades of the twentieth century’ (WHITEHAND, p.2, 2007).

O geógrafo alemão inicia, então, seus estudos na cidade medieval de Alnwick⁸, localizada entre Newcastle e a fronteira com a Escócia. Os resultados de sua pesquisa, através da identificação de cinco períodos morfológicos e da análise econômica e social de cada etapa, permitiram-lhe a compreensão e o entendimento de toda a paisagem urbana e, conseqüentemente, a conceituação formal de toda a cidade. (CONZEN, 1960).

Assim sendo, de acordo com Netto, Costa e Lima (2014), a Escola Inglesa de Morfologia Urbana possui como método de análise sistemática da paisagem urbana a partir da organização temporal dos períodos morfológicos e a visão Tripartite, ou seja, a cidade é subdividida em três complexos formais, o plano urbano, o tecido urbano e o seu respectivo padrão de uso e ocupação, desde o solo até as edificações. Corroboram para esta afirmação Costa e Netto (2015) e Whitehand. (2007).

Do plano urbano dá-se a lógica de ocupação do território, a criação de espaços a partir da topografia e características naturais do sítio. Os agrupamentos de quarteirões, ruas, praças, lotes e outros elementos definem os tecidos urbanos. Por conseguinte, este último delimita o uso e a ocupação, tanto do solo quanto da edificação. (WHITEHAND, 1981).

Considerando o exposto, como afirma Costa e Netto (2015, p. 55), “a excelência de todo o trabalho produzido na cidade de Alnwick e os subseqüentes estudos realizados em Newcastle upon Tyne, tornaram-se referências essenciais para os estudos de Morfologia Urbana constituindo um legado e o seu desenvolvimento por seguidores”.

Assim, concebendo-se que a transformação das paisagens urbanas trata-se de um processo natural de evolução, como discorre Del Rio (1990), cabe à Morfologia Urbana, em suas variadas definições, compreender as intrínsecas relações históricas e sociais que regem a transformação e evolução da forma urbana.

⁸ A cidade de Alnwick está localizada no oeste da Inglaterra, próxima à fronteira com a Escócia. Foi escolhida por Conzen devido a sua formação, pois sua história remonta o ano de 1309, e desde então sua principal característica permanece no setor comercial (SITE ALNWICK CASTLE). Na Idade Média, as chamadas “Market Towns” conforme define Landau (2013), eram pequenos vilarejos do interior do reino, cuja principal atividade de subsistência era a troca e venda de produtos. Desta forma, Conzen percebeu que a cidade de Alnwick matinha muitas de suas características originais, o que permitiu à sua pesquisa compreender todos os períodos morfológicos da cidade, desde o século XIV. Nesta pesquisa M.R.G. Conzen desenvolve suas bases metodológicas, e a com a sua publicação em 1960, constitui a maior contribuição para a Morfologia Urbana no período pós-guerra. (COSTA e NETTO, 2015).

4. ELEMENTOS MORFOLÓGICOS

Os estudos da morfologia urbana, segundo Zeclinski (2013) abordam as características físicas e a estrutura espacial do meio urbano. Tendo por base a definição da análise metodológica da visão Tripartite, proposta pela Escola Inglesa – subdivisão da forma urbana em três complexos: o plano urbano, o tecido urbano e o uso e ocupação do solo - apontada por Netto, Costa e Lima (2014) e Conzen (1960), depreende-se que na primeira parte de análise, referente ao plano urbano, encontram-se elementos morfológicos que compõem e estruturam a paisagem urbana.

A compreensão destes elementos, segundo Lamas (2004), pressupõe o entendimento da forma e o modo como se estruturam nas diferentes escalas espaciais. De maneira prática, podem-se exemplificar os instrumentos morfológicos genéricos na arquitetura, como os pilares, vigas, paredes, portas e janelas. Para se conhecer os elementos de uma época específica, o Renascimento, por exemplo, destacam-se as colunas, o frontão, as colunatas, entre outros. (MANN, 2006).

Por conseguinte, conforme destacam Pillsbury (1970) e Lamas (1993), a caracterização da forma urbana se estabelece por diferentes classificações de escalas e dimensões.

Em uma dimensão setorial, como afirma Cullen (2006) apresentam-se a rua, calçadas ou praças, na sequência, já considerando a dimensão urbana, correspondem os bairros e partes homogêneas identificáveis de uma cidade. Por último, em uma dimensão territorial, encontra-se a escala da cidade, com seus variados sistemas articulados, ruas, bairros, zonas habitacionais, entre outros.

Considerando tais princípios dimensionais, aplicando-os ao espaço urbano e os embasando segundo a visão tripartite no plano urbano, os elementos morfológicos elencados por Lamas (1993) são dez: o solo, os edifícios, o lote, o quarteirão, a fachada, o logradouro, o traçado, a praça, o monumento, árvore e a vegetação e por último, o mobiliário urbano.

O solo-pavimento constitui toda a topografia que se desenha e sobre o qual se constrói a forma da cidade. A modelação do terreno, os revestimentos de pavimentação, os passeios, as faixas asfaltadas, além de outros aspectos, são características precursoras na composição formal do meio urbano. (PEREIRA, 2012).

Além disso, para o autor acima citado, o solo-pavimento é um elemento de grande importância para o espaço urbano, pois é alvo de conflitos e disputas. A posse de um terreno ou

parcela do solo garante ao proprietário o poder de uso e alteração de seu espaço, modificando a forma urbana.

Outro elemento da morfologia urbana são os edifícios, um instrumento mínimo de estudo do formato dos centros urbanos. (ROSSI, 2001). É por meio dos edifícios que se constitui o espaço urbano e se organizam os espaços identificáveis e com forma própria: a rua, o espaço, o beco, a avenida, entre outros. (LAMAS, 1993).

Em seguida, apresenta-se, segundo Macedo (2012) e Lamas (1993) o terceiro e quarto aspectos morfológicos apresentados: o lote ou parcela fundiária e o quarteirão. O primeiro trata-se não apenas de uma porção cadastral, mas do fundamento do edificado. O lote é um princípio essencial da relação entre os edifícios com o terreno, pois condiciona a forma do mesmo e, consequentemente, a forma urbana. (MASCARÒ, 2005).

Por conseguinte, como afirma Castilho (2007) e Mascaró (2005) o quarteirão define-se por um contínuo de edifícios agrupados entre si em anel, é delimitado pelo cruzamento de três ou mais vias, sendo subdividido em parcelas (lotes) para a construção dos edifícios.

Entretanto, como aponta Lamas (1993), vale ressaltar que todos os elementos morfológicos possuem uma relação de interdependência entre si, pois representam uma análise desde as pequenas dimensões dos lotes até os extensos limites da forma urbana.

Para Pereira (2012), tratando-se de uma cidade tradicional, a relação entre o edifício com o espaço urbano irá processar-se pela fachada, sendo estas responsáveis por exprimir as características distributivas - programas, funções e organização. O logradouro, por sua vez, segundo Lamas (1993, p. 98) é definido da seguinte maneira: “é o espaço privado do lote não ocupado por construção, as traseiras, o espaço privado, separado do espaço público pelos contínuos edificados [...]. Na cidade tradicional, um resíduo, ou resultado dos acertos de loteamento e de geometrias de ocupação dos lotes”.

A definição dos elementos, acima citados, complementam diretamente os traçados e vias urbanas, pois a partir a disposição dos edifícios, dos lotes e quarteirões, são delineadas as ruas e avenidas de uma cidade (LAMAS, 1993).

É interessante se ter presente, ainda, o traçado das antigas cidades romanas, delimitadas por dois eixos ortogonais principais, *cardus* e *decumanos maximus*⁹ que orientavam a distribuição de

⁹ As antigas cidades romanas eram estruturas em dois eixos principais: o *decumanus* (nascente-poente) e o *cardus* (norte-sul), o que lhes garantia uma malha urbana com certa regularidade. (BENEVOLO, 2015).

todos os elementos morfológicos da urbe romana, considerando-se que, centenas de anos depois, como afirma o “Relatório do Plano Piloto de Brasília” (CODEPLAN, 1991), Lucio Costa explicou o traçado de Brasília, a subdivisão de quarteirões, vias e lotes a partir do mesmo princípio usado na Antiga Roma. (BENEVOLO, 2015).

As praças, outro elemento morfológico definido por Lamas (1993) e Caldeira (2007), explicitam-se como uma unidade urbana das cidades ocidentais e distingue-se de outros espaços que são resultados acidentais de alargamentos ou confluências de traçados devido a sua intencionalidade de desenho. Ou seja, a forma urbana é influenciada através do desenho e proposição das praças, bem como a arquitetura do entorno, criando um espaço público direcionado às atividades coletivas da população.

Além dos elementos já apresentados, outro elemento de análise da morfologia urbana é o monumento que, de acordo com Benevolo (2015), se caracteriza como um fato urbano singular, pois diferentemente dos anteriores, torna-se individualizado pela sua presença, seu significado, configuração e conseguinte posicionamento.

Como afirmado no Artigo 1º, da Carta de Veneza¹⁰, um monumento é “[...] a criação arquitetônica isolada, bem como o sítio urbano ou rural, que dá testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico” (IPHAN, 1964, p.2). Corroborar para esta definição Le Goff (2013, p. 486.) pois, “o verbo *monere* significa ‘fazer recordar’ [...]. O *munumentum* é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos”.

Por último, cita-se a vegetação e o mobiliário urbano como elementos de composição da morfologia das cidades. No primeiro caso, a vegetação, segundo Pereira (2012), é um elemento de composição do desenho urbano, pois, funciona como instrumento de organização, definição e agrupamento de espaços. Logo, conforme afirma Lamas (1993), as árvores e vegetações possuem papel de extrema importância na qualificação das cidades, influenciando o clima e a gestão urbana. À exemplo destaca-se, conforme aponta Bilo (2009), a atuação de Haussmann em Paris, durante a

¹⁰ A Carta de Veneza é um documento de postulado internacional referente à conservação e restauração de monumentos e sítios. Elaborada em Maio de 1964, a partir do II Congresso de Arquitetos e técnicos dos monumentos históricos, rege atualmente, todos os processos referentes à restauração e conservação de monumentos e sítios. (IPHAN, 1964).

reforma urbana de 1870, que utilizou amplamente a vegetação para agregar qualidade às largas avenidas e *boulevards*¹¹.

5. METODOLOGIA

O desenvolvimento deste artigo, de cunho bibliográfico se deu por meio da coleta de fontes secundárias, ou seja, materiais publicados que possuem uma relação com o tema em estudo. Tem-se por objetivo da pesquisa bibliográfica “colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto” (LAKATOS; MARCONI, 1991, p.183).

De acordo com Severino (2002) e Andrade (2005) ainda, a pesquisa bibliográfica trata-se de uma técnica de pesquisa que visa o levantamento de fontes escritas ou iconográficas já publicadas que corroboram para a fundamentação de um texto.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Pelo presente estudo foi possível compreender a definição de morfologia urbana que designa, segundo Lamas (2004), Rego e Meneguetti (2011) e Oldoni (2016), essencialmente os aspectos exteriores do meio urbano e as suas relações recíprocas, compreendendo e explicando a paisagem urbana, isto é, todos os elementos que a compõe e sua complexa estrutura.

De acordo com os autores estudados, inicialmente pode-se afirmar que a cidade, como fenômeno social, é resultante da acumulação e da união de muitas ações determinadas pelas condições sociais, culturais, políticas, econômicas, grupos ou indivíduos e, desta forma, precisa ser compreendida como um organismo em constante modificação. O homem transforma o meio em que vive, pois, de acordo com Benevolo (2013), a forma física de uma cidade corresponde a sua organização social.

Para Lamas (1993), os elementos que compõem a morfologia urbana podem ser agrupados em torno de dez elementos morfológicos que nos permitem analisar a forma e o traçado urbano, constituindo-se, portanto, como princípios ou instrumentos de compreensão atual e histórica dos fenômenos morfológicos dos centros urbanos.

¹¹ De origem francesa, a palavra *boulevard* delimitava uma via de passagem construída entre as enormes muralhas que protegiam e cercavam as pequenas cidades durante a Idade Média. No entanto, atualmente a palavra *boulevard*, desde a Idade Moderna, faz referência à avenidas ou ruas largas, com projetos paisagísticos que incluam arborização e espaços floridos. (NACTO, 2012).

Pelo estudo, inicialmente realizado, apurou-se que as principais escolas da Morfologia Urbana surgiram na Europa, durante os anos de 1960, principalmente na Inglaterra e Itália, com seus respectivos idealizadores e suas linhas morfológicas (COSTA e NETTO, 2015).

Observou-se, entretanto, que apesar destas escolas tradicionais possuírem métodos e linhas de estudos diversos, com princípios de pesquisa atribuídos a diferentes posicionamentos, é certo que seus objetos de análise são os elementos morfológicos elencados no presente artigo.

Assim sendo, por mais que existam diferentes correntes de pensamento, todas corroboram para a compreensão e entendimento dos elementos da morfologia urbana e os componentes essenciais de todas as cidades.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como proposta inicial de pesquisa, ora em desenvolvimento, propôs a identificação e a conceituação da ciência denominada Morfologia Urbana, a partir da compreensão dos elementos que a compõem, bem como suas diferentes linhas de pensamento.

Além disso, foi objeto de estudo e análise a pesquisa histórica referente ao surgimento das principais Escolas de Morfologia, destacando-se a Inglesa e a Italiana, das quais procuramos abordar, brevemente, suas concepções e princípios, compreendo os contextos dos períodos em que surgiram.

Conclui-se, dessa forma, que a morfologia urbana compunha-se, basicamente, de elementos como o solo, os edifícios, o lote, o quarteirão, a fachada, o logradouro, o traçado, a praça, o monumento, árvore e a vegetação e por último, o mobiliário urbano, sendo estes os elementos essenciais para compreendermos a forma urbana e o seu traçado.

Considera-se, portanto, que a morfologia urbana é, em sua essência, um estudo da cidade como *habitat* humano e de suas formas, considerando que o homem modifica e altera o seu entorno a todo o instante, donde decorre o fato de que planejar e organizar os centros urbanos requer um prévio conhecimento histórico, social, político e econômico do espaço.

Para se inserir ou alterar os instrumentos morfológicos, com o intuito de trazer melhorias na qualidade de vida da população que ocupa os centros urbanos, há profunda necessidade de conhecimento e compreensão dos espaços e dos elementos morfológicos que os marcam e significam.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

BENEVOLO, Leonardo. **A cidade e o arquiteto**. Trad. Atílio Cancian. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

_____. **História da Cidade**. Trad. Silvia Mazza. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BILO, David Ramos. **Paris: 3 suturas urbanas**. Prova final de Licenciatura em Arquitectura. Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra. Departamento de Arquitectura, 2009.

CALDEIRA, Junia Marques. **A Praça Brasileira: trajetória de espaço urbano – origem e modernidade**. Tese de doutorado no programa de Pós-graduação Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, São Paulo, 2007.

CASTILHO, José Roberto Fernandes. Para uma definição do conceito de lote. In: **Revista Tópos**, v. 1, n. 2, 2007. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/topos/article/view/2199/2012>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

CATALDI, Giancarlo; MAFFEI, Gian Luigi; VACCARO, Paolo. Saverio Muratori e a escola Italiana de tipologia projetual. In: **Revista de Morfologia Urbana**, n.2, p. 25-36, 2014.

COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL - CODEPLAN. **Relatório do Plano Piloto de Brasília**. Brasília: GDF, 1991.

CONZEN, Michael Robert Gunter. **Alnwick, Northumberland: A study in twon plan analysis**. Inst. Br. Georg., Londres, n.27,1960.

COSTA, Stael de Alvarenga Pereira; NETTO, Maria Manoela Gimmler. **Fundamentos de Morfologia Urbana**. Belo Horizonte, Minas Gerais: C/Arte,2015.

CULLEN, Gordon. **The Concise Townscape**. Architectural Press: Great Britan, 2006.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no Processo de Planejamento**. São Paulo: Pini, 1990.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3.ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GAUTHIER, Pierre; GILLILAND, Jason. Mapping urban morphology: a classification scheme for interpreting contributions to the study of urban form. In: **Urban Morphology**, v.10, n.1, p. 41-50, 2006.

HOFMEISTER, Burkhard. **The study of urban form in Germany**. International Seminar on Urban Morphology, n.8, p.3-12, 2004.

Disponível em: <<http://www.urbanform.org/pdf/hofmeister2004.pdf>>.

Acesso em: 21 março 2017.

HOLLAND, Frederico de; *et all.* Forma urbana: que maneiras de compreensão e representação. In: **Estudos urbanos e regionais**. n.3, 2000.

Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12151/1/ARTIGO_FormaUrbana.pdf>.

Acesso em: 15 de maio 2017.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. **Carta de Veneza**: carta internacional sobre a conservação e restauração de monumentos e sítios, 1964.

Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

INTERNATIONAL SEMINAR ON URBAN FORM -ISUF. **Constitution of the International Seminar on Urban Morphology**. Texto de apresentação, 2004. Disponível em: <http://www.urbanform.org/pdf/ISUF_constitution.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2017.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3.ed., rev. ampl. São Paulo: Atlas, 1991.

LAMAS, José Manuel Rossano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 2. ed., Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

LANDAU, Sidney I. **Cambridge dictionary of American English**: for speakers of Portuguese. Trad. Cláudia Berliner; *et all.* 2.ed., São Paulo: WMF, Martins Fontes, 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão; *et all.*, 2 ed., Campinas, São Paulos: Unicamp, 2013.

LÉVY STRAUSS, Claude. **Tristes Tropiques**. Paris: Terre Humaine, 1955.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACEDO, Sílvio Soares. **Paisagismo brasileiro na virada do século: 1990-2010**. São Paulo: Unicamp, 2012.

MAGNOLI, Miranda Martinelli. O Parque no desenho urbano. In: **Paisagem e Ambiente: ensaios** / Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n.21, p.201-2013, São Paulo: FAU, 2006.

MANN, Nicholas. **Grandes civilizações do passado**: renascimento. Barcelona: Folio, 2006.

MARETTO, Marco. The early contribution of Saverio Muratori: between modernism and classicism. In: **Urban Morphology**, n. 16, p. 121-32, 2012. Disponível em: <<http://www.r-a>>

m.it/publications/online/1412811928/4-The%20early%20 contribution %20 of %20Saverio %20Muratori-%20between%20modernism%20and%20classicism.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2017.

MASCARÓ, Juan Luis. **Loteamentos urbanos**. 2. ed., Porto Alegre: Mais Quatro, 2005.

MOUDON, Anne Vernez. Urban Morphology as an emerging interdisciplinary field. In: **Urban Morphology**, v.1, n.1, p. 3-11, 1997. Disponível em: < <http://www.urbanform.org/Pdf/moudon1997.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

MOUDON, Anne Vernez. Morfologia urbana como um campo interdisciplinar emergente. In: **Revista de Morfologia Urbana**, v.3, n.1, p. 41-9, 2015.

MUGAVIN, Damien. A philosophical base for urban morphology. In: **Urban Morphology**, vol. 3, n. 2, p. 95-99, 1999. Disponível em: < http://users.metu.edu.tr/ioguz/Mugavin_1999.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2017.

NETTO, Maria Manoela Gimmler Netto; COSTA, Stael de Alvarenga Pereira; LIMA, Thiago Barbosa Lima. Bases conceituais da escola inglesa de morfologia urbana. In: **Paisagem e Ambiente**, n. 33, p. 29-48, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/90309/92977>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

OLDONI, Sirlei Maria. **Cidades novas do oeste do Paraná: Os traçados criados pela colonizadora Maripá**. Dissertação de mestrado no programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Estadual de Maringá - UEM e Universidade Estadual de Londrina – UEL, 2016.

PAWSON, Eric. The social production of urban space. In: **New Zealand Geographer**, vol. 43, n. 3, p. 123-129, 1987. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1745-7939.1987.tb01112.x/abstract>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

PEREIRA, Renata Baesso. Tipologia arquitetônica e morfologia urbana: uma abordagem histórica de conceitos e métodos. In: **Revista Online Vitruvius**. v.146.04, Julho, 2012. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.146/4421>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

PILLSBURY, Richard. The urban street pattern as a culture indicator: Pennsylvania, 1682-1815. In: **Annals of the Association of American Geographers**, v. 61, p. 428-446, 1970. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2561668?seq=1#fndtn-page_thumbnails_tab_contentes>. Acesso em: 24 abr. 2017.

REGO, Renato Leão; MENEGUETTI, Karin Schwabe. A respeito da morfologia urbana. Tópicos básicos para estudos da forma da cidade. In: **Acta Scientiarum Technology**, v.33, n.2, p. 123-127, Maringá, 2011. Disponível em: < <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciTechnol/article/viewFile/6196/6196>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

ROSSI, Aldo. **Arquitetura da Cidade**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22.ed.rev.ampl.São Apaulo: Cortez, 2002.

SIMÕES, Ricardo Santos; *et all*. **Etimologia de termos Morfológicos**. UNIFESP: São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www2.unifesp.br/dmorfo/Prof%20Manoel%20Histologia/Dicionario%20etimologico.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

SITE ALNWICK CASTLE. Disponível em:< <https://www.alnwickcastle.com/>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

URBAN STREET DESIGN GUIDE –NACTO. **Texto de apresentação**. Disponível em: <http://collier.floridahealth.gov/programs-and-services/wellness-programs/healthy-communities/_documents/nactourbanstreetdesignguide.pdf >. Acesso em: 27 abr. 2017.

WHITEHAND, Jeremy W.R. **The making of the urban landscape**. IBG Special Publication, n. 26, Blackwell: Oxford, 1981. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/Journals/urban-history/article/whitehandjwr-the-making-of-the-urban-landscape-the-institute-of-ritish-geographers-special-publications-series-oxford-blackwell-1992-vii-239pp-illustrations-3500/B6909C20BF8095F75167671014403B51>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

_____. **British Urban Morphology: the Conzenian tradition**. ISUF, International Seminar on Urban Form, Proceedings Cincinnati, v.1, 2001.

_____. **Conzenian Urban Morphology and Urban Landscapes**. International Space Syntax Symposium, Proceedings Istanbul, 2007. Disponível em: <http://www.SpaceSyntaxIstanbul.itu.edu.tr/papers%5Cinvitedpapers%5CJeremy_whitehand.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2017.

ZECHLINSKI, Ana Paula Polidori. **Configuração e Práticas no Espaço Urbano: uma análise da estrutura espacial urbana**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano e Regional. Porto Alegre, 2013.

Disponível em:

< http://www.ufrgs.br/propur/teses_dissertacoes/Ana_Paula_Polidori_2013.pdf>.

Acesso: 20 de maio 2017.